

“Um menino nos nasceu, um filho se nos deu” (Is 9:6). Isto quer dizer que o Filho já existia, tanto que seu nome é “Pai da Eternidade”. Deus prepara agora um corpo humano para Seu Filho eterno (Hb 10:5). Deus feito gente (Jo 1:1, 14). O mistério fabuloso da encarnação! Nosso amado Salvador se fez um de nós.

Embora não possamos compreender totalmente este fato, podemos nos identificar com ele através das histórias das pessoas que participam direta ou indiretamente da cena do Natal.

1. Sua genealogia

(Mt 1:1-17; Lc 3:23-38). Longe de ser uma lista cheia de pessoas notáveis, encontramos nela homens e mulheres cheios de falhas. Por exemplo, aparecem quatro mulheres, sendo duas estrangeiras, a cananita Raabe e a moabita Rute; uma mulher que entra na família real “pela porta dos fundos”, Bate-Seba (Mt 1:6), a mulher com quem Davi adulterou e que tomou por esposa depois de mandar matar seu marido; Tamar, que teve Perez como fruto do relacionamento imoral com seu próprio sogro, Judá (Gn 38). Ao incluir esses nomes em sua biografia, Jesus se identifica deliberadamente com pessoas decaídas e falhas. De fato, a sua posteridade, composta de todos os que crêem, não é melhor do que aqueles que aparecem em sua árvore genealógica. Só fazemos parte da família de Deus por sua imensa graça. Não há nada em nós mesmos que nos faça merecedores disso.

2. Personagens notáveis do pré-natal de Jesus

A vida humana de Jesus, real e histórica, conta com a participação de gente comum: homens e mulheres iguais a nós são usados para costurar o pano de fundo para a chegada do Messias, o Salvador do mundo. Mesmo em meio a uma geração distante de Deus, havia pessoas fiéis. Que estas vidas sejam desafiadoras a nós, de forma que sejamos disponíveis para o Senhor nos usar em Seus planos grandiosos em favor da humanidade.

a) Maria – “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco (Lc 1:28); Bendita sois vós entre as mulheres (Lc 1:30) e bendito o fruto do vosso ventre, Jesus (Lc 1:42)”. Maria foi uma mulher acima da média. Provavelmente não tinha ainda 18 anos quando recebeu a notícia que mudaria sua vida para sempre. Oxalá Deus encontrasse em nossos dias moças e mulheres com o perfil de Maria, para realizar grandes obras para ele! Maria demonstrou ser:

- *Submissa à vontade de Deus* (Lc 1:38). Seus planos de casamento com José seriam bastante afetados com aquele evento. Ela corria sério risco de ser rejeitada por seu noivo e pela sociedade por aparecer grávida antes do casamento. No entanto, ela abriu mão de muitos de seus sonhos em troca de uma missão única na história da humanidade. “*Não é tolo aquele que abre mão do que não pode reter para ganhar aquilo que não pode perder*” (Jim Elliot).
- *Discreta* (Lc 1:46-55; 2:19; 51). Em momento algum ela tentou tirar proveito da situação, nem saiu propalando aos quatro ventos que tinha sido a moça escolhida para ser mãe do Filho de Deus. Ela aceitou com humildade sua missão e assim a cumpriu até o final. “*O servo não é maior do que o seu Senhor*”. Nem mesmo maior do que a sua missão.

b) José – O carpinteiro de Nazaré (Mt 13:55) de repente é sacudido com uma notícia perturbadora: sua noiva estava grávida e a única certeza de José era que o filho não podia ser seu. Sua reação

mostra que ele era:

- *Um homem magnânimo* – Ao invés de requer seus direitos e pedir o divórcio ou quiçá a execução de Maria, ele preferiu sofrer o dano. Iria deixá-la em silêncio (Mt 1:19). Observe que ele tomou esta decisão **antes** que o anjo do Senhor lhe aparecesse (Mt 1:20).
- *Um homem obediente* – Mais de uma vez em sua vida ele precisou seguir cegamente a orientação de Deus dada pelo anjo: casou-se com Maria, mas não manteve relações com ela até o nascimento de Jesus (Mt 1:24-25); foi para o Egito para fugir da fúria de Herodes (Mt 2:13-15); voltou para Nazaré (Mt 2:1-23). Não ouvimos uma palavra de reclamação de José por ter que constantemente mudar daqui para lá e de lá para cá a fim de obedecer a Deus.
- *Um homem fiel à lei de Deus* – José era uma pessoa de família humilde, o que fica demonstrado na oferta das pessoas com poucos recursos (os dois pombinhos para a purificação cerimonial de Jesus – Lc 2:24). Nem por isso deixou de cumprir a lei (Lc 2:21-24) nem deixava de comparecer à festa anual em Jerusalém (Lc 2:39-41). Não usava como desculpa a sua condição para deixar a sua devoção para trás.

c) Zacarias e Isabel (Lc 1:5-25; 57-80) – Poucas vezes mencionamos este extraordinário casal. Ele, um sacerdote piedoso e ela uma mulher de fé e discernimento espiritual. Somos informados que eles eram:

- *Um casal piedoso e temente a Deus* (Lc 1:6). Mesmo sendo exceção em um contexto de afastamento de Deus e de apego à mera religiosidade, eles esperavam o Messias de maneira fervorosa. Viviam na expectativa e à luz da promessa, que podia se cumprir a qualquer momento.
- *Um casal vivendo sob a tristeza da esterilidade* (1:7). Naqueles dias, não ter filhos tinha implicações sociais muito sérias, além de ser considerado como uma maldição. Apesar de toda a sua devoção, eles não podiam explicar porque Deus lhes permitia aquela condição, eles nunca abandonaram sua fé nem questionaram o Senhor.
- *Um casal sujeito a momentos de dúvida* (1:18-20). Homens e mulheres piedosos também podem ser surpreendidos pela alegria a ponto de achar que alguma coisa é boa demais para ser verdade. Esses momentos, embora compreensíveis, sempre acabam deixando algumas seqüelas.
- *Um casal que se torna pai do maior de todos os homens até a sua época* (Mt 11:11). Sua fidelidade acabou recompensada. Não apenas tiveram um filho, mas foram os pais de João Batista, a quem Jesus se referiu de uma maneira extraordinária durante o seu ministério. Imagine a alegria daquele casal ao saber que seu filho seria o arauto a proclamar a chegada do Messias, preparando o caminho para o ministério do Emanuel!

3. Personagens notáveis do Natal de Jesus

Muitas pessoas foram à procura de Jesus quando ele nasceu. Cada uma com uma motivação diferente. Até hoje é assim: são muitas as razões que levam alguém a ter interesse pelo Senhor Jesus. Ligue a TV e você vai encontrar documentários sobre o local da sua manjedoura, da sua cruz e do seu sepulcro; religiosos discutindo seus ensinamentos. Nem todos, no entanto, estão interessados no principal: **nasceu o Salvador!**

a) Os anjos – A participação destes servos de Deus em todo o evento da encarnação é notável.

Gabriel anunciou a Maria que ela conceberia (Lc 1:26-33); um anjo que trouxe a notícia a José (Mt 1:20-21). Anjos apareceram na noite de Natal (Lc 2:8-15). Um deles contou aos pastores o que estava acontecendo. Uma milícia celestial apareceu para louvar a Deus pelo nascimento do Messias. Eles nos ensinam preciosas lições:

- Anjos sabem que Jesus é o Senhor. Eles nunca tentaram competir com Ele nem roubar Sua glória. Sua missão é servir e glorificar o Senhor e é isto que eles fazem. Hoje em dia há igrejas que supervalorizam a presença e as manifestações de anjos na igreja. Não temos motivo para fazer isso.
- Anjos estiveram sempre presentes em momentos cruciais da vida de Jesus, especialmente nos momentos mais agudos (Mt 4:11; Lc 22:43-44; Mt 28:2-6).
- A interpretação de I Pedro 1:12 que afirma que os anjos querem anunciar o evangelho e não podem, não é correta. Eles foram os primeiros a anunciá-lo, na noite de Natal. O que Pedro está ensinando é que os benefícios do Evangelho não foram oferecidos aos anjos. Deus não poupou os anjos que caíram nem deu-lhes uma chance de reconciliação.
- Significativamente, os anjos não aparecem nas Escrituras cantando. Somente os remidos cantam. Não podemos afirmar que eles **não** cantam, mas é interessante que ao cumprir sua tarefa de adorar o Senhor incessantemente, eles nunca aparecem fazendo isso através da música. Isto nos mostra que temos muito a aprender sobre adoração.

b) Os pastores – É notável que os primeiros a receber a notícia do nascimento do Salvador foram trabalhadores simples e desconhecidos (Lc 2:8-18). Eles assistiram pasmados à aparição angelical e à mensagem em primeira mão. Deus escolheu as coisas simples, as que não são, para envergonhar as que são. (I Co 1:26-29). Não foi aos enfatuados fariseus ou intérpretes da lei, nem aos cétricos saduceus que Deus revelou o que estava fazendo. Essa gente não estava interessada e mais tarde revelaria seu coração ao rejeitar o Messias, durante todo seu ministério, culminando com a condenação e crucificação. Deus não precisa fazer espetáculo nem contar com o apoio dos famosos para colocar Seus planos em andamento. Simples pastores, interessados no que ele está fazendo (Lc 2:15) são suficientes.

c) Os magos do Oriente – A Bíblia não diz nem que eram “reis” nem que eram “três”. Diz apenas “uns magos” (Mt 2:1). A expressão “Os Três Reis Magos” provém da tradição católica, não do relato bíblico. Estes homens eram estudiosos, cientistas astrônomos. Novamente é interessante observar Deus se revelando a pessoas que não tinham ligação direta com a promessa do Messias. Eles não eram judeus, não conheciam a lei nem as promessas. Mesmo assim, foram os primeiros a oferecer adoração ao menino Jesus (Mt 2:11). Que vergonha para os líderes religiosos em Israel, serem suplantados por homens de uma terra tão distante! Esses homens demonstraram mais fé que muitos em Israel. *Um detalhe histórico:* os magos não visitaram o menino Jesus na noite em que ele nasceu, mas cerca de 2 anos depois. Os pais de Jesus já estavam numa casa (Lc 2:11), Herodes mandou matar os meninos de 2 anos para baixo, que foi o tempo decorrido desde que os magos tinham ido ao palácio procurar por ele.

d) Herodes – Este idumeu, parente distante de Esaú, funcionava como um vassalo de Roma na Judéia. Cheio de si, vaidoso e ciumento do seu trono, ao saber que “um rei” havia nascido, vê ameaçado seu futuro e carreira política. Diz querer adorar o menino (Mt 2:8), mas na verdade o que quer é matá-lo (2:13-18). Eis a razão porque Jesus não nasceu nem frequentou os palácios. Assim como os religiosos, os políticos também não o queriam.

Um visão crítica sobre o Natal moderno

A Bíblia não nos ensina a comemorar o nascimento de Jesus, mas, sim, sua morte, através da Ceia do Senhor. A celebração do Natal não tem como origem as tradições e o ensino apostólico, mas sim as festas pagãs do começo do inverno europeu. As pessoas enfeitavam suas casas e árvores para pedir às suas entidades idólatras um inverno mais brando e uma boa colheita. Os cristãos, para tentar administrar a situação, definiram 25 de dezembro como a data do nascimento de Jesus.

É sabido que esta datação é absurda. Jesus não nasceu durante o inverno (época em que os pastores não estariam com seus rebanhos no campo à noite). Evidentemente, os cristãos amam a história do Natal, porque ela é bíblica e fundamental para a nossa fé. O nascimento virginal do Senhor Jesus é a base da nossa salvação. Mas a comemoração, especialmente vinculada às festas de dezembro, é questionável. Os verdadeiros cristãos não precisam entrar no rolo compressor da cultura e do consumismo. Não há nada na Bíblia que justifique o chamado “espírito natalino”, sem contar as demais práticas desta época, como enfeites, Papai Noel e outros.

Podemos aproveitar esta data para anunciar a Cristo, e este crucificado. É a mensagem da cruz que nos cabe anunciar. O que passa disso precisa ser analisado com mais critério.

As Escrituras não trazem muita informação sobre o período compreendido entre o nascimento e o ministério público de Jesus. Isto tem gerado grandes e desnecessárias especulações. É sintomático que o ser humano sinta-se tão atraído por aquilo que Deus não revela e tão pouco interessado nas riquezas que estão reveladas e claras a respeito da pessoa singular do Senhor Jesus.

Neste estudo, optamos por nos ater àquilo que nos está revelado nos Evangelhos e deixar as elocubrações filosóficas de lado.

1. Infância (Lc 2:39-52) – O menino Jesus teve um desenvolvimento normal, como o de qualquer criança (v.40). Ele teve que aprender e desenvolver todas as suas habilidades humanas de forma natural. É algo além da lógica e da compreensão humanas que o Criador de todo o Universo tenha se restringido às leis naturais que ele mesmo estabeleceu, tendo que aprender a andar, a depender de sua mãe para se alimentar, para ser limpo, para aprender a ler e a escrever. Que maravilhosa é a história da redenção, tão rica em seus detalhes.

As principais informações que temos sobre este período são:

- a) Ele foi levado ao templo para o cumprimento dos rituais devidos ao nascimento de um menino judeu (Lc 2:21-24).
 - b) Ele foi aclamado e apontado claramente por Simeão e Ana (Lc 2:25-38) como o Messias prometido, a redenção personificada.
 - c) Aos 12 anos, encontramos Jesus em Jerusalém entre os doutores da lei. Note que ele não estava **ensinando** os mestres, como se diz. O texto afirma que ele estava *ouvindo-os e interrogando-os* (v.46). Suas respostas impressionaram pelo conhecimento e discernimento evidenciado (v.47).
 - d) A resposta que Jesus dá aos seus pais evidencia uma convicção absoluta quanto à sua missão e origem (v.49). O templo era “*a casa do meu Pai*”. Não havia outro lugar onde ele podia estar!
 - e) Jesus era submisso aos seus pais (v.51). Um grande exemplo numa época em que os jovens e adolescentes preferem viver suas vidas sem dar satisfação a ninguém.
- 2. Batismo (Lc 3:1-22; Mt 3:13-17)** – O batismo de João era um testemunho público da conversão daqueles que se arrependiam do seu mau comportamento e decidiam seguir a justiça de Deus. Para os judeus no tempo de João e para os cristãos da época da igreja, simboliza nossa morte para o pecado e para o mundo (Rm 6:4). Por esta razão, o próprio João Batista admirou-se ao ver o Senhor Jesus aproximar-se para ser batizado. Ele não se encaixava na categoria daqueles que precisavam romper com seu passado, porque não tinha pecado. Porém, para Jesus, o significado era diferente. Representava a sua futura morte de substituição pelos pecados de todos (II Co 5:21; I Pe 2:24). Aliás, este é o sentido da palavra “batismo” em I Pedro 3:21. Este “batismo” (a morte de Cristo) é o que nos salva, não o batismo na água.
- 3. Tentação (Lc 4:1-13; Mt 4:1-11)** – Esta é, sem dúvida, uma das passagens mais impressionantes das Sagradas Escrituras, a começar pela ousadia do diabo em tentar ao próprio Filho de Deus e pelo fato de que Jesus foi guiado pelo Espírito **com o fim** de ser tentado (Mt 4:1). Podemos aprender algumas lições importantes deste evento.
- a) Jesus foi tentado à nossa semelhança (Hb 4:10). Isto quer dizer que sua tentação foi real. Não foi uma farsa. Jesus venceu o diabo e o pecado, ao contrário do que fizeram Adão e Eva. Ele escolheu e optou por não pecar.

- b) Jesus usou a principal arma que tinha à sua disposição: a Palavra de Deus: “Está escrito”. Citando de cor o livro de Deuteronômio, um dos livros menos estudados da Bíblia, o Senhor rechaçou cada uma das ofertas que o tentador lhe fez.
- c) A estratégia do diabo:
- i. Usar a lógica: “se és Filho de Deus, transforma estas pedras em pães”.
 - ii. Usar mal a Palavra de Deus. O texto citado, Salmo 91:11-12, diz “aos seus anjos ordenará que te guardem *em todos os teus caminhos*”. Saltar de cima de um prédio não era um “caminho” para Jesus.
 - iii. Atingir as principais áreas da vida que nos fazem balançar: necessidade física (v.3), confiança em Deus (v.6), desejos e soberba (v.8)
- d) Esta não foi a única vez em que o diabo tentou a Jesus. O texto diz que o diabo o deixou, mas somente “até momento oportuno” (Lc 4:13). Não sabemos quantas vezes isso pode ter ocorrido, mas sabemos que Jesus nunca cedeu. O Senhor Jesus venceu com galhardia ao tentador e às tentações. Por isso o diabo o deixou. Seu exemplo é contundente para todos nós, que recebemos da Palavra de Deus a instrução de fazer a mesma coisa. Temos um chamado à resistência. “*Resisti ao diabo*” (Tg 4:7; I Pe 5:9). “*Resisti no dia mau*” (Ef 6:13). Podemos contar com o auxílio do nosso Sumo-sacerdote (Hb 4:14-16). Ele sabe o que é ser tentado e pode nos socorrer, porque entende a dificuldade que isto representa.